

## A “conciliação das elites”: a revista *Veja* e a redemocratização de 1984/85

Luis Fernando Guimarães Zen<sup>1</sup>

Esta pesquisa foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. O presente artigo busca desenvolver uma análise crítica de como a revista *Veja* atuou durante o processo de transição entre a ditadura militar e a formação de um novo regime conhecido como processo de redemocratização brasileira.

O período pesquisado foram os anos finais da ditadura civil-militar, basicamente entre os anos de 1982, marcado pelo retorno das eleições diretas para o cargo de governador nos estados, a janeiro 1985, período em que ocorreram as eleições à Presidência da República. Esse recorte foi escolhido por se tratar do período em que se efetivou a transição entre os “governos militares” e a volta de um “governo civil” ao cargo de Presidente da República. Neste artigo, será trabalhado apenas o ano de 1984 até janeiro de 1985.

A questão central desse artigo é analisar como a revista se utilizou de sua capacidade de inserção na sociedade, criando uma idéia de consenso em torno daquilo que ela defendia, passando uma falsa impressão de que essa idéia parte da vontade popular. Essa criação de um consenso é fundamental tanto para garantir a governabilidade do presidente que assumiria ao cargo quanto para garantir, no âmbito da sociedade, a dominação de uma classe pela outra.

A revista *Veja* é estudada aqui não apenas como fonte, mas também como objeto de pesquisa, *Veja* se coloca enquanto sujeito a partir daí, ela age como “formadora de opinião”, organiza, direciona, põe em prática e desenvolve projetos sociais, políticos e econômicos. Dessa forma, ela assume o papel de “aparelho privado de hegemonia” e é nessa perspectiva que será analisada.

Quando a classe trabalhadora começou a se mobilizar (a partir de 1978 com as greves operárias principalmente entre os metalúrgicos do ABC paulista) e disputar

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela UNIOESTE, docente do Curso de História vinculado a Linha de Pesquisa Estado e Poder.

espaço no cenário político nacional, as classes dominantes também se mobilizaram para reformular suas práticas de dominação, visando manter uma hegemonia burguesa na sociedade. Nesse sentido, cabe investigar o papel desempenhado pela Veja. Ela atuou no sentido de minimizar os conflitos sociais reduzindo as contradições de classe ao campo estritamente político, daí uma investigação mais detalhada na sua forma de exercer a “política do dia-a-dia”, ao mesmo tempo em que ela estava demarcando o campo possível de disputas no seu sentido mais amplo.

O ano de 1984 ficou marcado pelos comícios em prol da proposta das “Eleições diretas” que passaram a ser o grito de ordem que ecoava nas praças e ruas, o reflexo dessas manifestações aparecia semanalmente na Veja. A revista exaltava os organizadores pela sua capacidade de mobilização e pela ordem apresentada nos comícios, as únicas críticas eram contra a presença de algumas lideranças e das muitas “bandeiras vermelhas” que acompanhavam as manifestações. Assim ela mantinha sua política de descaracterização em relação a qualquer tendência à esquerda.

A campanha que se seguiu até agosto daquele ano, foi propiciada pela proposta do deputado mato-grossense Dante de Oliveira do PMDB. A proposta do deputado era a de eleições diretas para presidente em 1985. A partir daí, “diretas já” passaram a ser discutidas como a principal proposta de transformação política do país, como se ela pudesse resolver todos os seus problemas. Esse clima de transformação permaneceu até a votação e rejeição da Emenda em 25 de agosto de 1984.

Outro marco fundamental para o desenrolar daquele processo transitório foi a vitória de Paulo Maluf na convenção do PDS. Até aquele momento, considerava-se que o vencedor das prévias do partido do governo seria o virtual vencedor das eleições presidenciais, tendo em vista que o partido tinha a maioria no Colégio Eleitoral, isso na forma indireta dava a garantia ao partido do governo fazer também o seu sucessor.

A partir do momento em que se consolida a fragmentação do PDS. Alguns setores do partido já vinham se alinhando sob a chamada “frente liberal”, a vitória de Maluf ajudou a acelerar essa desarticulação do partido governista. Esse racha do PDS foi decisivo também em relação aos rumos que a revista Veja tomaria, tão logo a “frente” se consolidava e surgia como um fator decisivo no processo sucessório, Veja acompanhou essa trajetória e definiu a partir de então, seu claro apoio à frente liberal.

Essa linha de argumentação utilizada pela revista ficou muito mais clara a partir de agosto de 1984, quando consolidou-se o racha do partido governista. Com a fragmentação do PDS os dissidentes deste partido organizaram-se através da chamada “Frente Liberal”. Ao mesmo tempo em que essa chamada “frente” alinhou-se com a “oposição” Veja seguiu claramente o mesmo caminho.

A perspectiva de análise feita pela Veja, foi a de delimitar o processo transitório a apenas um campo restrito de discussão, construir a defesa de uma eleição direta ou indireta, apoiar esse ou aquele candidato e/ou partido nos passa a impressão de que a revista está fazendo uma cobertura independente de cada candidato, na verdade, ela está fazendo o que Gramsci chama de “política do dia-a-dia”, ou “pequena política”. Para Gramsci,

Grande política (alta política) – pequena política (política do dia-a-dia, política parlamentar, de corredor, de intrigas). A grande política compreende as questões ligadas à fundação de novos Estados, à luta pela destruição, pela defesa, pela conservação de determinadas estruturas orgânicas econômico-sociais. A pequena política compreende as questões parciais e cotidianas que se apresentam no interior de uma estrutura já estabelecida em decorrência de lutas pela predominância entre as diversas frações de uma mesma classe política. (Gramsci, 2003, p. 21)

Veja fez as duas coisas o tempo todo, quando ela noticia cada passo de cada candidato, ela está fazendo a pequena política. Quando ela está tratando das alianças e coligações entre os candidatos, ela está fazendo a grande política. Quando ela fala (ou omite) as questões de âmbito econômico, social ou mesmo político, ela está fazendo grande política, quando ela está apresentando os projetos em disputa no país, quando ela está criticando a esquerda, quando ela está difundindo idéias que remetam a uma construção hegemônica de democracia sem que se rompa com a estrutura de poder vigente na sociedade até aquele momento, ela está fazendo “grande política”<sup>2</sup>. Para Gramsci, “é grande política tentar excluir a grande política do âmbito interno da vida estatal e reduzir tudo a pequena política”. (Gramsci, 2003, p. 21)

---

<sup>2</sup> Gramsci desenvolve essas questões nos Cadernos do Cárcere, ele está se referindo basicamente ao contexto europeu do início do século XX. Ele se refere à “grande política” como a política de formação de novos Estados, no caso desse trabalho, o conceito de “grande política” no contexto histórico que essa pesquisa está abordando, referindo-se a formação de uma nova política-econômica que o país estava buscando desenvolver.

A “grande política” da revista, ou seja, defesa de uma política liberal e crítica a qualquer possibilidade à esquerda, referente ao processo de transição ganham novas características na Veja a partir de 1983. Com as eleições para governadores estaduais, esses dividiram as responsabilidades que antes eram atribuídas somente do Governo Federal. Agora, segundo a Veja, passam a ser compartilhadas pelos estados, “é preciso agora que Brasília aproveite esta oportunidade e administre em favor da estabilidade o fato de não ser mais o alvo único de todas as queixas.” (Veja, 16/03/1983, p.20)

O governo tentou ainda alternativas para a solução da crise econômica, foi “à televisão falar sobre a crise e pedir à nação que se una para superá-la” (Veja, 02/03/1983, p.20). Ao mesmo tempo em que ela da voz ao governo, ela busca apontar caminhos possíveis ao futuro do país.

**Os problemas econômicos**, declara o governo na mensagem levada ao Congresso pelo ministro Leitão de Abreu, **não podem prejudicar o projeto democrático** – ao contrário, é o exercício das liberdades que deve contribuir decisivamente para a **solução das dificuldades**. A idéia central, nesta proposição, é que o país e a sociedade se subordinam a um conjunto de princípios vitais, os da **democracia pluralista e liberal**; eles não podem ser colocados em dúvida a cada vez que as coisas ficam difíceis. [grifei] (Veja, 09/03/1983, p.19)

Aqui Veja se coloca como aparelho privado de hegemonia<sup>3</sup>, dando direcionamento para a solução da crise, nesse caso, da crise econômica, “princípios vitais, os da democracia pluralista e liberal”, ela está admitindo aqui que o projeto democrático tem por finalidade resolver o problema econômico, ou seja, para “a solução das dificuldades”. Se essa liberdade está pautada pelos princípios liberais, nesse caso não são as “liberdades democráticas”, mas sim as “liberdades econômicas”.

O que mais chama a atenção nesse caso não é nem a crise política ou econômica, mas é a solução, nesse caso, começam a aparecer quais eram as propostas da Veja. Primeiramente a democracia que já vinha aparecendo a algumas edições, mas principalmente uma democracia **liberal**, isso vai aparecer novamente em outras edições,

**Precisamos**, para início de conversa, retomar o controle da economia. (...) **Precisamos** acabar com a nossa tolerância com o arbítrio, a incompetência, a ineficiência e a corrupção. **Precisamos** renegociar, com realismo, os prazos e juros da nossa dívida externa. (...) **Precisamos**, enfim, decidir de uma vez por todas se acreditamos ou não na **livre iniciativa** – e, caso sim, dar-lhes o espaço e estímulo

---

<sup>3</sup> Ver: SILVA, Carla Luciana. *Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)*. Cascavel-Pr, Edunioeste, 2009.

necessário para que cumpra o seu papel vital na reconstrução do país. (...) A questão crucial para 1984 **não** consiste em saber se vamos eleger o nosso próximo presidente pelo caminho direto ou indireto. [grifei] (Veja, 04/01/1984, p.19)

Aqui ela está traçando dois momentos: o momento vigente e o que precisava ser construído, “acabar com a tolerância, a incompetência a ineficiência e a corrupção”, significava romper com aquele modelo político exercido no país. “Retomar o controle da economia”, pode ter vários significados, como nesse caso ela fala em terceira pessoa, ao mesmo tempo em que está defendendo a ruptura com o modelo econômico vigente, nesse caso ela está chamando a responsabilidade para a “livre iniciativa”, ou seja, “retomar o controle da economia” aqui não significa que o governo deva fazer isso, e sim que a economia deva ser gerida pela iniciativa privada. Quanto ao governo cabe-lhe dar “espaço e estímulo necessário”, ou seja, financiar a iniciativa privada.

Nessa citação, mais uma vez, a revista apresenta uma proposta de solução dessa crise, primeiramente ela culpa a “incompetência, a ineficiência e a corrupção”. Na seqüência, aparece não somente o projeto **liberal** que a revista estava defendendo, isso fica aparente quando ela propõe que a saída para o país está em uma economia que privilegie a “livre iniciativa”, defendendo que essa tem um “papel vital na reconstrução do país”. Para encerrar o assunto, o que ela chama de “questão crucial” é a eleição presidencial que para ela até aqui não importa muito se será direta ou indireta, o importante para ela é o modelo que esse novo governo deverá seguir, privilegie a “livre iniciativa”, ou seja, um projeto liberal.

Não vamos abordar aqui as questões referentes as campanhas das “diretas já” nem as propostas de emendas constitucionais ou as polemicas em torno da questão das eleições diretas ou indiretas, tais temas são extremamente importantes para compreender o processo transitório<sup>4</sup>, porém, vamos nos deter aqui na construção das alternativas possíveis traçadas pela Veja.

Desde 1982 Veja construiu algumas alternativas possíveis para conduzir o processo de reabertura política do país. Desde então, buscou delimitar as possibilidades e limites a serem impostos à democracia. Nesse sentido, buscou dimensionar quais os lados envolvidos na transição. Se de um lado ela colocava os “radicalismos” como

---

<sup>4</sup> Sobre esses temas ver: MACIEL, David. **A Argamassa da Ordem da ditadura militar à nova República**. São Paulo Xamã, 2004.

proposta a ser rejeitada a todo custo, por outro, ela mostra as correntes que disputariam naquele momento a hegemonia política no país.

Nesse sentido, Veja delimita duas correntes, uma liderada pelo PMDB e a outra pelo PDS, partido do governo e que detinha a maioria dos representantes no Colégio Eleitoral. Essa lógica só foi rompida em agosto de 1984 quando o partido do governo elegeu como seu candidato o ex-governador do Estado de São Paulo, Paulo Maluf. É nesse momento que se consolida o “racha” do partido do governo e se forma a chamada “Frente Liberal”, concomitantemente, Veja assume a defesa da campanha liberal e a aliança dos dissidentes do PDS ao PMDB. Daí a origem do título “Conciliação das elites”.

Se no período anterior a 1984 ela traçava todas as alternativas em torno dos possíveis candidatos do PDS, a partir de 1984 ela abre caminho para novas tendências oriundas das duas correntes políticas mais importantes até aquele momento mantendo a mesma linha de ataque as frações de esquerda. Nesse período, ela abre o caminho tanto para o partido do governo quanto para o PMDB enquanto alternativas possíveis para o futuro governo.

A vitória de Maluf nas prévias do PDS causaram um grande impacto no partido do governo, não cabe aqui discutir os motivos da rejeição ao candidato, mas os desdobramentos que tal fato acarretou. Com a fragmentação do partido, abria-se a possibilidade real para que Tancredo Neves saísse das eleições indiretas como vencedor. Fato que até o início de 1984 não se cogitava.

Paulo Maluf era um nome que vinha sendo trabalhado pela Veja desde 1982, quando esse foi classificado pela revista como “Maluf: um candidato forte”. Na mesma edição a matéria de capa trazia o seguinte destaque: “Maluf deixa o governo de São Paulo já como candidato à Câmara Federal e à sucessão presidencial”. (Veja, 19/05/1982, p.28) A partir daí, o pré-candidato era presença constante na Veja.

Esse quadro só começa a mudar em 1984, no mesmo período em que ocorre definitivamente o “racha” do PDS que origina entre outras correntes, a chamada Frente Liberal,

A consolidação da **Frente Liberal** de dissidentes do PDS, liderada pelo vice presidente Aureliano Chaves e pelo senador Marco Maciel, é no momento um fator de peso no encaminhamento da sucessão presidencial, podendo mesmo, se os seus integrantes efetivamente levarem até o fim as intenções que anunciam hoje, determinar o

resultado final da disputa. (...) Mais importante que a atuação da Frente Liberal no atual processo sucessório, talvez seja o significado mesmo desse movimento, e seus possíveis desdobramentos para o futuro. [grifei] (Veja, 18/07/1984, p.19)

Até aqui ela está demonstrando a ruptura do PDS e o surgimento e consolidação de uma nova tendência dissidente da velha ARENA, mas que já ganha o apoio da Veja que se esforça em colocá-la como alternativa para a democracia, diferentemente do PDS que passa a ser colocado como continuação do sistema dos militares. Nesse sentido, os mesmos dissidentes do PDS defenderam seu projeto de democracia mantendo-se contrários aos “extremismos” e favoráveis à consolidação de uma política de centro e liberal.

A orientar estas forças políticas, com efeito, pode haver mais que a simples rebeldia de descontentes com este ou aquele candidato à sucessão. Pode haver, ali, as sementes para a **formação de um movimento político de centro, liberal e equidistante dos extremos**, capaz de atrair o apoio de todos aqueles que não se conformam com a maneira pela qual o país vem sendo conduzido, mas também não acreditam nas alternativas pregadas pelos adversários radicais do governo, nem concordam com elas. A organização das forças políticas centristas, tentando sem sucesso outra vez, poderia ser o desaguadouro das ações da **Frente Liberal**, que assim **assumiria o papel de pólo de atração nacional** para as diversas tendências hoje espalhadas pelo espectro partidário. [grifei] (Veja, 18/07/1984, p.19)

A revista destaca a influência que essa nova corrente poderia ter no futuro político do país e que não era apenas oriundo de uma disputa interna por causa desse ou daquele candidato a sucessão, e que “pode haver, ali, as sementes para a formação de movimento político de centro, liberal e equidistante dos extremos”. Aqui ela aponta para os limites impostos a esquerda, mas acima de tudo, que o novo governo deveria ser “capaz de atrair o apoio de todos aqueles que não se conformam com a maneira pela qual o país vem sendo conduzido”, apontando para evidências de um “centro” que na verdade era uma nova roupagem da velha direita arenista-pedessista tão conhecida dos anos obscuros da velha direita golpista de 1964. Por outro lado, elimina as possibilidades da esquerda de existir no campo de disputas, que são novamente taxados de “adversários radicais do governo”.

Nesse momento de disputas Veja apontava alguns caminhos:

Como explicar ao país que a oposição aceita uma emenda que não propõe a eleição direta para já? Só há uma maneira: conseguindo-se uma indireta que não eleja nem Maluf nem Andreazza. Tancredo

acredita que nem essa parte da operação pode ser conseguida, mas nem ele nem ninguém é capaz de lançar à mesa um nome que tenha um amparo popular tão amplo quanto o desamparo em que estão os dois candidatos do PDS. (Veja, 02/05/1984 p.23)

Aqui fica perceptível o papel conciliador exercido por Veja, ao mesmo tempo em que ela apresenta a formação de uma nova tendência – “Frente Liberal” – ela já mostra o papel que essa “Frente” esta assumindo diante do leitor.

Isso mostra a proximidade de Veja com os liberais, esses são colocados na “Vitrine” da revista, como opção viável, livre de “radicalismos”, e com papel centralizador, “o atual movimento de dissidências, neste caso, estaria realmente **prestando um serviço** ao país e a sua vida política”. [grifei] (Veja, 18/07/1984, p.19)

É nesse momento que a Veja começou a defender outra candidatura, colocando-se como defensora dos interesses políticos da Frente Liberal, esses interesses são colocados não como os interesses dos liberais, mas como os interesses da população assumindo “o papel de pólo de atração nacional.” Na seqüência, a confirmação dessa tendência.

O atual movimento de dissidência, nesse caso, estaria realmente **prestando um serviço ao país e à sua vida política**. Num momento de dificuldades como o de agora, e numa sociedade com problemas e divisões tão grandes como a brasileira, é essencial para o equilíbrio político de um centro forte e organizado. **Sem ele será impossível cogitar seriamente a estabilidade, ou de qualquer projeto duradouro para a democracia no Brasil**. Haverá apenas a luta entre os extremos e nesse tipo de conflito, como sempre, o que menos importa são os **interesses da maioria**. [grifei] (Veja, 18/07/1984, p.19)

A seqüência das matérias está toda voltada a Frente Liberal. Ela mostra como os dissidentes estavam “contentes” em se “reencontrar” com os eleitores. Ao mesmo tempo em que a Veja coloca Tancredo como o candidato das massas, colhendo ainda os frutos da campanha das “diretas já”, ela o apresenta como um moderador começando assim a criar no ex-governador do estado de Minas Gerais, a figura do “conciliador”, principalmente para a elite que via em Tancredo um candidato confiável, que manteria um compromisso com os liberais, ou seja, criaria condições para uma expansão econômica e conteria os movimentos sociais, conforme fica evidente o antiesquerdismo nas palavras do próprio Tancredo.

Tancredo reafirmou sua inquebrantável fidelidade aos valores democráticos e endereçou um duro recado às facções da esquerda: “**não lhes farei nenhuma concessão, por mínima que seja, no tocante a**



**matéria de princípios, à ordem pública, à defesa de nossas instituições civis e militares, à segurança nacional e a soberania de nosso povo**". (...) Com a nota Tancredo reafirmou sua posição no cenário político: está onde sempre esteve, ou seja, no centro. [grifei] (Veja, 25/07/1984, p.38)

Veja e Tancredo chegam a reproduzir o mesmo discurso. No momento em que ela cita o candidato para reafirmar as suas posições e também manter as posições adotadas pelos envolvidos no golpe civil-militar de 1964, que usou como argumento a "Segurança Nacional" e a "defesa das instituições" inclusive as instituições democráticas.

Nas edições posteriores, torna-se comum uma sistematização de ataques contra Maluf. A partir daí, a postura no PDS em relação aos dissidentes é de tratá-los como traidores do partido. Veja logo sai em defesa da "Frente", coloca Aureliano falando que "prefiro trair o PDS a trair o país". (Veja, 25/07/1984, p.39)

Por outro lado, tudo aquilo que envolve a Frente Liberal ganha defesa da Veja. Mesmo nos momentos em que os pedessistas colocam os dissidentes como traidores do partido, Veja noticia de forma muito branda mostrando, como na fala de Aureliano, que essa traição era com o PDS e não contra o país.

É com o estigma da traição que os correligionários do deputado Paulo Maluf querem marcar os integrantes da Frente Liberal, tão afinados com a candidatura oposicionista de Tancredo Neves que já garantiram para o grupo a indicação do vice-presidente da chapa. O senador José Sarney deverá ser o candidato. (Veja, 25/07/1984, p.39)

O PMDB era oposição, mas uma oposição consentida, os chamados "radicais" que se abrigaram sob a sigla do MDB anteriormente já haviam migrado para outros partidos como o PT, PDT ou PC do B. Mas ainda nesse momento, Veja faz questão de frisar as diferenças, e enterrar os seus velhos dogmas em relação às antigas alianças entre o seu próprio passado e os políticos da extinta ARENA.

Nesse momento ela destaca que: "Aureliano Chaves, o líder mais visível da Frente Liberal, que, após encontro com o ex-presidente Ernesto Geisel no Rio de Janeiro, exigiu que **'os ideais da revolução de 64'** não fossem alvo de críticas na campanha eleitoral". Tancredo mais uma vez reafirmou seus verdadeiros princípios afirmando que "a revolução já pertence à história e deve ser objeto de estudos de sociólogos e historiadores". [grifei] (Veja, 01/08/1984, p.20)

A partir daí, até o dia 25 de janeiro de 1985, data em que ocorreram as eleições

INDIRETAS para presidente e que elegeram Tancredo Neves, Veja mostrou-se claramente a favor não do PMDB propriamente dito, mas na defesa de uma política Liberal, personificada na figura de Tancredo e Sarney.

### **Depois da rejeição as novas propostas**

A Emenda Dante de Oliveira fora rejeitada, mas a sucessão ainda não estava definida, restava a proposta de emenda do governo. Nesse caso, a polêmica mais aparente é sobre tempo de duração do governo posterior a Figueiredo. Esse tempo, caso permanecessem as regras vigentes era de seis anos, pelas propostas da emenda do governo poderiam cair para cinco ou quatro anos.

Desde a primeira edição publicada pela Veja após 25 de abril, ela busca criar um nome de consenso, tanto no PMDB quanto no PDS. Veja traça um rápido perfil de alguns dos possíveis candidatos entre eles, Andreazza, Aureliano, Costa Cavalcante, Fernando Henrique, Leitão de Abreu, Maluf, Marco Maciel, Passarinho e Tancredo.

Dos mais frequentes nas páginas de Veja, Andreazza aparece como “preferido de Figueiredo”, Aureliano aparece como “candidato de conciliação” e Tancredo, que assim como Aureliano é tratado como um candidato capaz que, “tem, no PMDB, o que falta a Aureliano, no PDS – a simpatia de Figueiredo”. (Veja, 09/05/1984 p.21)

Maluf e Andreazza torcem para que chegue logo a convenção do PDS, pois ambos acreditam que irão vencê-lo. E, segundo confiam, o vencedor teria um tempo razoável para curar as feridas do Partido e chegar ao Colégio Eleitoral, a 15 de janeiro de 1985, como virtual presidente da República. “Quem ganha a convenção será presidente”, diz Maluf. (Veja, 09/05/1984 p.22)

O grande diferencial das eleições indiretas de 1985 começa a partir daqui a dar sinais de uma nova fase, antes mesmo de a emenda do governo ir ao Congresso, José Sarney, presidente nacional do PDS, formaliza a sua saída do partido e começa a aglutinar forças em torno de uma corrente política surgida do racha do PDS, a formação da Frente Liberal.

Uma das táticas estudadas pelo PDS apresentadas anteriormente, era a do governo mandar uma proposta de emenda prevendo eleições diretas para 1988. Essa proposta foi enviada ao Congresso, mas não foi votado antes da Dante de Oliveira como previam os partidários do governo. Veja realizou a cobertura da proposta do governo desde o envio da proposta até a sua retirada.

A política brasileira viverá momentos decisivos nesta semana, quando o Congresso Nacional deverá apreciar a **emenda constitucional apresentada pelo governo** restabelecendo as **eleições diretas para a Presidência da República em 1988** (...) No terreno do real, a aprovação da emenda do governo **é claramente a melhor opção que se pode tomar**. [grifei] (Veja, 27/06/1984, p.19)

Aqui percebe-se uma postura um tanto “contraditória” da revista, em junho de 1984 ela se posiciona ao lado do governo alegando que essa, “no terreno do real” era “a melhor opção que se pode tomar”, de certa forma isso contraria o que ela havia defendido dois meses antes quando afirmou que o governo estava em disputa com “a própria vontade popular” ao rejeitar a emenda parlamentar em favor das diretas. É contraditório também com o que ela publica em outubro do mesmo ano quando afirmou que “o alto preço que o país paga por escolher o presidente indiretamente”.

Na seqüência da edição de 27 de junho, ela alega que a eleição direta seria a melhor opção, mas já que não havia “possibilidades”, por motivos que pelo menos aqui ela não apresenta, mas que a emenda do governo fixaria uma data para o retorno das diretas, caso contrário, essa não teria “data para entrar em vigor”.

Não havendo **possibilidade** de se adotar para a sucessão o rumo mais adequado, e obviamente preferido pela imensa maioria da população – as eleições diretas -, a emenda governamental é o que resta de positivo. (...) Mas à sua aprovação se contrapõe, na prática, a manutenção das atuais regras do jogo: ou passa a emenda, e assim se fixa uma data certa para a volta das eleições diretas, ou **tudo permanece como está**, com o sucessor indireto do atual presidente mantendo o mandato de seis anos e as diretas sem nenhuma data para entrar em vigor. [grifei] (Veja, 27/06/1984, p.19)

Aqui a revista fica exatamente “em cima do muro”, ela quer as diretas mas também aceita a eleição indireta sem colocar muitas barreiras. Isso começa a ser explicado na mesma edição da revista, na seção “Brasil” ela traz o seguinte destaque: “Tancredo Neves procura unir o PMDB e seduzir parcelas do PDS para ir à luta contra Maluf no Colégio Eleitoral”. É a partir desse momento que começa-se a costurar a candidatura de Tancredo Neves. (Veja, 27/06/1984, p. 20)

“Seduzir parcelas do PDS” significava buscar para a oposição os votos daqueles que rejeitavam a candidatura Maluf. Com isso a oposição poderia criar condições de enfrentar o candidato do governo no Colégio Eleitoral.

Na semana seguinte duas matérias chamam a atenção, a primeira delas, é que “com a retirada da emenda do governo propondo eleições diretas em 1988 e mandato

presidencial de quatro anos, o quadro político brasileiro deu mais um passo atrás, jogando-se a possibilidade de mudança, agora, para a iniciativa do próximo governo”. (Veja, 04/07/1984, p.20)

Na mesma edição da revista saiu uma matéria com o seguinte conteúdo, “a desintegração do esquema parlamentar do governo deixa mais forte a candidatura de Tancredo Neves” (Veja, 04/07/1984, p.20)

Na primeira delas, “dar um passo atrás” significa que a revista não concordou com a atitude do governo em retirar a proposta de emenda, dessa forma, passa a impressão de que ela está realmente preocupada com a “possibilidade de mudança”, essa mudança era necessária para ela desde que atendesse aos seus interesses. Na segunda referência, ela parte para o apoio direto e que para a Veja será a “possibilidade de mudança”, que a partir desse período passa a ser mais comum na revista, que é a construção de uma candidatura forte pela oposição, concentrada na figura central do ex-governador de Minas Gerais, Tancredo Neves.

A “desintegração do esquema parlamentar” ocorreu na medida em que as disputas internas se acirraram dentro do PDS e que o grupo malufista se mostrava mais consolidado dentro do partido. Na medida em que essa tendência foi se consolidando, os liberais agrupados dentro do partido do governo já começavam a se opor as alas conservadoras e a buscar alternativas fora do partido do governo. A chamada “Frente Liberal” formada ainda dentro do PDS, aos poucos foi se retirando do partido e se unindo com Tancredo. Nesse momento se consolida o racha do PDS. Os dissidentes não só formariam a frente liberal, como também viriam a indicar o candidato a vice da chapa do PMDB. “Às vésperas da convenção, o PDS se divide e seu ex-presidente José Sarney é candidato a vice pelo PMDB”. (Veja, 08/08/1984, p.20)

A dicotomia posta aqui é a seguinte: se as eleições indiretas favoreciam o partido do governo já que esse tinha a maioria dos parlamentares, logo sua base de apoio defenderia isso como fundamental para a escolha do seu candidato para presidente. Por outro lado, para a oposição, a via direta supostamente lhes daria alguma vantagem já que Tancredo havia sido o político das grandes manifestações populares em prol das diretas já.

Essa foi a forma encontrada pela revista Veja de fazer a “grande política”, resumir tudo ao campo da disputa das eleições, enquanto isso, disfarçava seu objetivo

maior que é a implementação de uma “política liberal”, não seria coincidência o fato de ela ter mudado de opinião com relação aos seus candidatos no mesmo momento em que se formavam a Frente Liberal saída de dentro do PDS.

Assim, se demarcou a posição da Veja naquele momento, conforme já foi apontado anteriormente, seu programa, no período de transição, era a defesa de uma política/econômica Liberal, daí em diante, pelo menos até o período estudado, ela buscou se posicionar em favor dessa tendência.

Nesse momento de ruptura confirma-se a “previsão” feita anteriormente pela Veja, “Tancredo Neves procura unir o PMDB e seduzir parcelas do PDS para ir a luta contra Maluf no Colégio Eleitoral”, confirma-se assim a união entre o PMDB e os dissidentes do PDS.

A entrada do senador José Sarney na chapa oposicionista à sucessão presidencial, como candidato à vice-presidente, selou na semana passada a aliança entre a dissidência do PDS, agrupada no guarda-chuva da Frente Liberal, e a candidatura do governador Tancredo Neves à presidência da República. (...) Uma ilustração dramática do grau de desentendimento e de fragilidade a que chegaram as relações entre o poder central e as forças políticas que deveriam dar-lhe sustentação. (Veja, 08/08/1984, p.19)

A ruptura dos políticos do PDS não se dá porque eles estavam a favor das massas que buscavam nas ruas as eleições diretas. Os defensores das diretas, partidários de Tancredo aceitaram os parlamentares que rompiam naquele momento com o PDS, muitos dos quais, haviam rejeitado a proposta de eleições diretas.

Tal característica vem renovar as esperanças de que a bordo da candidatura de Tancredo Neves, o Brasil consiga a invejável proeza de **fazer uma transição pacífica entre o atual regime, esgotado e rejeitado pela opinião pública, e a nova ordem política que todos desejam.** A sociedade brasileira pode estar encontrando, com o candidato do PMDB, os meios para conduzir **sem traumas e sem rupturas violentas** a passagem, sempre difícil e perigosa, do **autoritarismo fracassado** para a democracia. (...) Entre os que se agarram a um **continuismo**, tentando fazer uma reanimação artificial do regime, e **os que tudo querem colocar abaixo**, a candidatura do governador mineiro emerge como a **grande alternativa** da moderação, da tolerância e do realismo, ingredientes indispensáveis para **fazer em paz as transformações urgentes que a sociedade reclama.** [grifei] (Veja, 08/08/1984, p.19)

A última coisa que as elites e a Veja queriam naquele momento era que a transição se desse de forma violenta ou com a participação efetiva da população, que não aceitava mais o modelo de “autoritarismo fracassado”, mas por outro lado deveriam evitar aqueles que “tudo querem colocar abaixo”, ou seja ela está novamente fazendo um política de conciliação de “centro”, embora, esse “centro” seja o Liberal.

Nesse caso a solução era pegar os mesmos apoiadores do “autoritarismo fracassado” maquiá-los com uma nova roupagem e colocá-los novamente no poder de forma que isso não ficasse aparente para a sociedade que, segundo a Veja, “exigia mudanças”. Essa é uma forma de fazer a mudança daquele modelo político incapaz de retomar o processo de acumulação de capital de forma que parecesse que estavam acontecendo mudanças profundas naquela sociedade, mas que na realidade ela estava novamente reformulando as formas de dominação e mantendo a hegemonia burguesa na sociedade.

A “grande alternativa” encontrada aqui foi colocar um governo que unisse uma proposta de construir um governo moderado, voltado aos interesses liberais, sem grandes transformações na base da economia, mas que tivesse capacidade de retomar o processo de acumulação de capital, mas que passasse a impressão de ser um governo capaz de “fazer em paz as transformações urgentes que a sociedade reclama”, ou seja, conciliar os interesses da elite legitimando isso como se fosse uma vontade popular.

Nesse momento, a revista já aceitou a proposta de eleições indiretas, esse é um discurso que se transformou ao longo do ano de 1984, e que de certa forma já foi apresentado aqui, só para reforçar essa transformação, comparemos três momentos diferentes: em janeiro, “a campanha em prol das eleições diretas do próximo presidente da República ganhou enfim as ruas na semana passada”. Em abril do mesmo ano, Veja traz a seguinte matéria:

O comício em favor das eleições diretas no Rio de Janeiro cravou, na semana passada, mais um marco na evolução dessa campanha sem precedentes, em mobilização e apoio popular, por uma idéia política. (...) **Qualquer pessoa, naturalmente, é a favor de recuperar um direito.** Mas a extraordinária **afluência popular** às manifestações em favor das diretas, bem como a maciça disposição de reivindicá-las em público, só se explica pela descrença quase completa da população nos candidatos que até agora só conseguiu gerar, pelo sistema indireto, na órbita do governo – e por um **desejo de mudança** que provavelmente é inédito nos anais da política brasileira. (Veja, 18/04/1984, p.19)

Por outro lado em dezembro do mesmo ano, Veja já colocava Tancredo como virtual presidente da República, não questiona mais as eleições indiretas e já começa a traçar os rumos para o próximo ano. Na última edição do ano ela destaca:

1984 trouxe mudanças de primeira grandeza para o país, e tudo indica que elas apontam na direção geral de um futuro melhor. De um lado, 1984 marcou o início da recuperação econômica, interrompendo um processo recessivo que vinha se agravando ano após ano. É evidente que problemas cruciais permanecem e que ainda levará um bom tempo para o país voltar à situação em que estava ao iniciar-se a crise, mas é certo que a sangria foi estancada. De outro lado, 1984 testemunhou a mais importante mudança política vivida pelo país nos últimos vinte anos, com a despedida do regime aberto em 1964. Ele termina no bojo da mais pacífica transição já experimentada no Brasil, sem traumas e por intermédio dos instrumentos legais do próprio regime. Essa mudança não significa que o Brasil se tornará melhor por um passe de mágica. Mas dá aos brasileiros, por certo, o direito de voltar a ter esperança. (Veja, 26/12/1984, p. 19)

Aqui podemos perceber que Veja mudava seu discurso em relação a forma que ocorreriam as eleições, de forma direta ou indireta, de acordo com que se configuravam as mudanças políticas. Porém, quanto a questão econômica, ela mantém seu discurso alinhado, em defesa de uma política econômica liberal. Em nome dessa política ela se permitiu a defender as diretas sem atacar as indiretas, apoiou as manifestações populares em nome das “Diretas já”, ao mesmo tempo em que buscava criticar os setores ligados à esquerda que participavam ativamente das manifestações.

Veja sempre se posicionou no sentido de mostrar os limites democráticos seja descaracterizando a esquerda, seja construindo uma alternativa viável para o desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Paulo Maluf, seu antigo “candidato forte” virou sinônimo de “corrupção e incompetência” e a Frente liberal a solução de todos os problemas do país.

#### **Bibliografia:**

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. RJ. Civilização brasileira, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. **Abertura, a história de uma crise**. São Paulo, Brasil Debates, 1982.

MACIEL, David. **A Argamassa da Ordem da ditadura militar à nova República**. São Paulo Xamã, 2004.

MENDONÇA, Sonia Regina. FONTES. Virginia Maria. **História do Brasil Recente 1964 – 1980**. São Paulo, Ática, 1991.

SILVA, Carla Luciana. *Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)*. Cascavel-Pr, Edunioeste, 2009.